
Augusto Nascimento*
WP/CEAUP/#2021/3

**Eleições presidenciais em São Tomé e Príncipe: especulações e coloquialidade
à medida...¹**



* Centro de História da Universidade de Lisboa.

¹ Este conjunto de anotações constitui um princípio de sistematização de ideias exploratórias sobre a deriva política em São Tomé e Príncipe e sobre o significado desta deriva no presente contexto político em África e no mundo.

Já o afirmei muitas vezes informalmente, mas aqui fica escrito: nem sempre leva de vencida, mas Patrice Trovoada tem jeito e artes de ver mais a dormir do que os outros políticos juntos de olhos abertos (esta propositada coloquialidade visa enfatizar as limitações das análises que se querem canônicas, mas que amiúde se revelam distraídas porque embaladas pela crença na bondade de propósitos dos homens e escoradas em lucubrações teóricas, criativas mas sem adesão à realidade, quando, afinal, a esta decisivamente subjaz o desespero pelo pão para a boca). Que Patrice Trovoada faria tudo para voltar, era mais do que evidente... desde o preciso momento em que abandonou o arquipélago na sequência das eleições de 2018!² E, dada a probabilidade de uma vitória por interposta pessoa – Carlos Vila Nova – nestas presidenciais, Patrice Trovoada não parece estar muito longe de conseguir esse desiderato...

Independentemente das alegações das fraudes e de irregularidades eleitorais – incluindo, e não por acaso, de quem ganhou – aventaria que os resultados de 18 de julho revelam alguma consistência das identificações partidárias. Porém, mais do que significar adesão a valores, objetivos ou programas, este alinhamento partidário significará adesão afetiva a uma figura política – ao putativo chefe. Aparentemente, os resultados parecem revelar também uma perda relativa do “banho” ou, talvez mais exatamente, a instrumentalização (fará sentido falar da tão propalada apropriação?...) do “banho” pelos eleitores, os quais, perante a devassidão generalizada, de há muito e definitivamente já não têm pruridos em aceitar de um candidato e votar noutro.

Sobretudo, os resultados indiciam um desejo de uma mudança que, em rigor, ninguém sabe o que trará (decerto, os votantes de Vila Nova desejam um governo de Patrice Trovoada, não podendo, todavia, dizer com exatidão o que isso significará...) A propósito, é preciso registar como problemática para um instigante estudo de caso a discrepância entre, por um lado, o juízo amiúde veementemente condenatório da ação dos políticos da área do MLSTP e da terra (que a “rua” achará que roubam a riqueza local) e, por outro, o crédito que se tende a conferir à ação de Patrice Trovoada que nunca está na terra... Não será caso único, mas a persistência da dualidade de critérios ao longo de décadas é intrigante. Fosse como fosse, era mais um crivo de exigência que o atual governo da coligação aglutinada em torno do MLSTP não podia ignorar. Pois sim...

² Cf. NASCIMENTO, Augusto, 2019, “As Eleições Legislativas de 2018. Acerca da Sobrevivência da Democracia em São Tomé e Príncipe”, [cea-4389 \(2\).pdf](#), acesso: 22 de julho de 2021.



Depois da acrimónia causada pela governação anterior em que presidente, assembleia e governo estiveram às ordens de Patrice Trovoada, este governo de coligação tinha a estrita obrigação de ser irrepreensivelmente imaculado. Afinal, o governo resultava, não da aceitação de um programa exaltante ou de ideias novas, mas da rejeição – por margem muito estreita, relembre-se – dos ventos de insânia dos anos precedentes, tal o móbil da união de vários partidos e grupos contra Patrice Trovoada nas eleições de 2018.

À louvável reposição da normalidade constitucional seguiram-se a inépcia e o desacerto. Cavou-se a ideia de um governo sem liderança nem coesão, onde poucos parecem à altura do cargo. Falsa ou verdadeira, a ideia de um governo sem chefia é politicamente corrosiva, porque a “rua” conclui que cada um está por si, animado dos seus propósitos...

Evidentemente, ninguém poderia esperar, muito menos exigir, a inversão do empobrecimento de décadas num par de anos. Mas isso obrigava a recato e a rejeitar a ostentação... Qual quê!... Em consequência, a “rua”, agora animada pelas redes sociais, tira conclusões que lhe apraz acerca dos tirocínios dos mandantes.

Vejamos, que resultados se podiam esperar depois de semanas ou meses de privação de luz elétrica em São Tomé? Como se isto não bastasse, a EDP Renováveis e o governo regional da ilha Príncipe viram deitados à sarjeta anos de estudos, trabalhos e dispêndios por decisão ministerial justificada (se admitirmos como justificação o que se escreveu) com alternativas... vindouras!³ Perante a atitude, decerto inesperada, da EDP Renováveis, não será arriscado prever que a população do Príncipe terá pela frente mais uns anos com falhas e privações de abastecimento de energia...

Mais relevante, qual será a presunção da “rua”? E não seria de esperar consequências políticas? Elas aí estão, caldeadas na intensa circulação de epítetos e de invetivas, de que, no peculiar espaço público são-tomense, se formam as convicções referidas ao grassar da corrupção na terra. Aliás, esta presunção tanto funcionará como inconfessada racionalização para se engordar celeremente antes que seja tarde... como, de uma outra perspetiva, impelirá ao “banho” eleitoral. Este é sinónimo de rendição de

³ Evidentemente, estamos em presença de projetos complexos e acerca dos quais não se tem clara noção do que está em causa. Mas pode seguir-se e intuir-se a envolvente política do caso através dos seguintes notícias: [As Crianças num Infantário – Téla Nón \(telanon.info\)](#), [Reacção do Ministério das Infra-estruturas ao artigo “As crianças num infantário” de Adelino Cassandra – Téla Nón \(telanon.info\)](#) e [As Crianças num Infantário II – Réplica ao conteúdo da nota Explicativa Pública do senhor Ministro Osvaldo Abreu – Téla Nón \(telanon.info\)](#), acesso: 22 de julho de 2021.



uma sociedade já sem valores para sustentar as instituições, as quais, faz décadas, os desampararam.

Outro caso assaz simbólico: vai um preso foragido entregar-se na prisão, geram-se conversas entre responsáveis, não se sabe por que razão o preso é levado da prisão, a que deverá voltar, à Judiciária, donde sai ao cabo de horas para morrer no hospital, destino que, conforme o relato de um dos intervenientes, teria predito que lhe aconteceria... Prenderam-se os presumíveis autores materiais do suposto assassinato, mas ouviu-se alguma palavra inspiradora de confiança?⁴

Destas eleições, que resultados se podiam esperar senão os do protesto e os da rejeição da continuação do que, aos olhos da “rua”, tem conduzido o país à desgraça? Como se tornou sobejamente sabido desde há anos, o voto de protesto e de raiva não será o mais informado, mas não se pode dizer que não foi o demandado ... E mesmo que repitamos que a maioria não confere razão – e é certo! –, no caso, a maioria tem razões ou, pelo menos, bastos motivos para desagravo. Infelizmente, tal ocorre num panorama em que a espiral de ressentimento (também calado e dúplice) é cada vez mais assoladora e em que a precária segurança dos indivíduos parece residir na adesão ao espírito de seita...

No tocante ao exercício do poder político, a dado passo, a questão é a de saber se, ao equilíbrio de poderes próprio das democracias representativas, a “rua” não preferirá um governo com um chefe, que governe, que – ao invés de dar largas à imaginação com a prometida construção de um mirífico novo mundo na anunciada zona franca do Malanza, equiparável no delírio ao anteriormente apregoado desenvolvimento do Dubai – faça coisas, sejam elas, ou não, investimento e suporte da coesão social.

Voltando às presidenciais: independentemente das pessoas dos candidatos – por fim, certamente Carlos Vila Nova e Guilherme Posser da Costa – e do que se diga ou se prometa, nestas eleições aflora o dilema entre o voto na proteção da continuação desta desagregada ação governativa e o voto na aceitação de uma via de potencial disrupção programada para um futuro próximo. No limite, dever-se-ia poder esperar proteção do respeito dos políticos e das pessoas pelas instituições e pela lei, mas acreditar nisso é fazer de Cândido de Voltaire...

⁴ Ver, por exemplo, [Responsabilidades na morte do Nelson Rita das Neves, vulgo “Lady” – Tela Nón \(telanon.info\)](https://telanon.info/Responsabilidades-na-morte-do-Nelson-Rita-das-Neves-vulgo-Lady-Tela-Non), acesso: 22 de julho de 2021.



Esta é uma convicção dramática, porque a maioria das pessoas – que, por força da exiguidade da terra, se conhece, a quem se estima e a quem se aperta a mão – querará viver com a dignidade possível, com a qual granjeia esforçadamente a sua sobrevivência. Em todo o caso, a turbulenta evolução política e social não depende do somatório das boas consciências individuais. Enquanto isso, a usura das vidas segue infrene e inelutável.

Por fim, duas assunções: primeira, num horizonte temporal concebível não se vislumbra solução para São Tomé e Príncipe. É escusado elucubrar, basta ter presente o irresolúvel e insanável imbróglio da justiça.

Segunda, não vale a pena descrever a situação com palavreado que, ignorando a realidade, reafirme a fé nos homens, porque estes dependem, não de idiosincrasias celebradas com palavras poéticas supostamente reparadoras e libertadoras, mas das instituições, no caso, bastamente vilipendiadas e degradadas. Salvaguardada a louvável circunstância de as eleições terem sido até hoje um espaço de quase absoluta e inviolável liberdade (igualmente observável a nível dos direitos individuais), São Tomé e Príncipe é mais um exemplo de como a degradação política e ética pode afetar as pessoas em qualquer parte do mundo, sobretudo quando sujeitas a um horizonte sem esperança.

É por isso que, parecendo a terra irrelevante, se deve olhar para São Tomé e Príncipe com atenção.